

Candidatos preocupam credores

Há apreensão pela vitória de Lula, mas Collor não chega a provocar entusiasmo

PAULO SOTERO
Especial para o Estado

WASHINGTON — Quando o presidente George Bush afirmou, no final do mês passado, que não prejudicaria os candidatos à Presidência do Brasil, lembrando que o líder populista argentino Carlos Menem o havia surpreendido favoravelmente depois de chegar à Casa Rosada, ele certamente não estava querendo indicar nenhuma simpatia secreta por candidatos de esquerda. No governo e no setor privado americano a hipótese de o deputado Luiz Inácio Lula da Silva vencer no dia 17 — considerada improvável na área oficial e nem tanto entre banqueiros — provocou considerável apreensão. Não se pense, porém, que a perspectiva de um triunfo do ex-governador Fernando Collor de Mello, um candidato ideologicamente mais palatável nos EUA do que Lula, produza reações especiais de entusiasmo, seja quanto ao futuro imediato do Brasil seja quanto ao rumo das desgastadas relações entre Brasília e Washington.

“Há uma ironia na forma como os americanos vêem a disputa entre Collor e Lula”, disse ao *Estado* o ex-embaixador dos EUA no Brasil Anthony Motley, que comanda hoje uma firma de representação e lobbying na capital americana. “Normalmente, as pessoas temem o desconhecido”, diz ele. “No caso dessas eleições, ocorre o contrário. Os americanos temem Lula porque é, dos dois, o único que conhecem”. Segundo Montley, Lula é um candidato transparente. E os americanos, tanto no governo como no setor privado, sabem que não gostam de suas idéias e propostas. “Já a respeito de Collor, com quem se sentem psicologicamente mais confortáveis, eles não sabem o que pensar, pois



AE-27/8/87

Motley: ironia dos americanos na disputa entre os candidatos

não se sentem seguros sobre o que ele faria como presidente”, completa ele.

CONFRONTO

Oficialmente, funcionários do governo americano afirmam, como seria de se esperar, que Washington não tem preferência entre Lula ou Collor, pois escolher entre os dois é tarefa dos brasileiros. Esta resposta o embaixador Richard Melton, que assume esta semana a representação dos EUA em Brasília, dará se a pergunta lhe for feita. “Nós estamos prontos para trabalhar com quem for eleito, se houver interesse nisso por parte do Brasil”, disse há dias ao *Estado* um colega de Melton no Departamento de Estado, numa declaração que reflete a baixa expectativa existente hoje em Washington sobre as relações entre os dois países.

A vitória de Lula preocupa nos EUA por motivos semelhantes aos que levam a elite política e empresarial brasileira a temê-la. Acredita-se que a ascensão ao Planalto do ex-líder operário abriria um período de impasse entre o Executivo e o Congresso

e produziria muita instabilidade política interna. Além disso, tem-se como certo, aprofundaria o confronto já armado na questão da dívida externa pela decisão do governo Sarney de suspender os pagamentos de juros, pela segunda vez, em setembro último. Nesse processo, continuaria a se aprofundar a deterioração nas relações entre os dois países. Ainda assim, há, no governo americano, quem procure atenuar esse diagnóstico apostando, por exemplo, que Lula só conseguirá vencer Collor se moderar suas posições a ponto de conquistar os votos do centro.

“A situação econômica do Brasil é péssima e é difícil ver como ela pioraria ainda mais”, disse uma fonte da área econômica do governo, acrescentando que o País “prejudicou mais a si próprio do que aos seus credores e parceiros comerciais” com as políticas do governo Sarney. Mas essas considerações, ou mesmo o fato de o presidente do partido dos Trabalhadores ser mais comprometido do que Collor com o tema da proteção ambiental — uma prioridade cada vez mais importante nas relações entre o

Brasil e os EUA —, não levam ninguém a prever, nos meios oficiais, que Lula, uma vez instalado no poder, abandone posições estatizantes e passe por uma transformação semelhante à operada por Carlos Menem.

DÍVIDA EXTERNA

Entre banqueiros, a perspectiva de um triunfo da esquerda é visto sem meios-tons. “No meu banco e em todos os que eu conheço a hipótese de trabalho é que a vitória de Lula inviabilizaria qualquer movimento construtivo na área da dívida por cinco anos e que os bancos, nesse período, usariam suas reservas para liquidar seu risco brasileiro e sair do País para não mais voltar”, disse ao *Estado* um executivo de um dos maiores bancos de Nova York.

A eleição de Collor é, claramente, a hipótese preferida, mas não chega a causar otimismo. “As idéias sobre a negociação da dívida externa avançadas até agora pela assessoria de Collor não permitem prever a superação do impasse atual”, disse o mesmo executivo. Ele observou, ainda, que os representantes dos grandes bancos americanos que tiveram contatos com a economista Zélia Cardoso de Mello, a formuladora da política econômica do ex-governador de Alagoas, saíram das conversas com as mesmas perguntas com as quais chegaram.

Na área econômica do governo americano, ouvem-se avaliações parecidas. “As propostas de retirar o aval da República da dívida e de descentralizar a negociação são inviáveis, do ponto de vista prático”, afirmou uma fonte do departamento do Tesouro, referindo-se a duas teses da plataforma eleitoral de Collor de Mello. No Tesouro, acredita-se, no entanto, que o candidato do PRN adotaria uma política ortodoxa de estabilização econômica. De acordo com essa avaliação, a profundidade do programa ortodoxo de Collor e a determinação com que ele possa executá-lo dependerão em larga medida da margem de sua vitória sobre Lula nas urnas de 17 de novembro.